



## **OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A IGREJA CATÓLICA: A RUPTURA DE UM ANTIGO ALIADO?<sup>1</sup>**

**BRANCO, Daniel de Oliveira<sup>2</sup>**

**GASPARI, Kamilla<sup>3</sup>**

**DAL MOLIN, Débora Cristina<sup>4</sup>**

Data de protocolo: 16/12/2021

Data de aprovação: 15/12/2021

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma a Igreja Católica se vê como influente diante dos movimentos sociais, e se houve uma possível distanciação entre esses antigos aliados. Utilizamos para isso o sujeito padre como meio influente da Igreja em sua comunidade, buscando entender qual a sua visão diante desses fatos. Para isso, foi determinado a realização de uma pesquisa com os sacerdotes da região, para entender a sua linha de pensamento e opiniões. De um modo geral, os resultados apresentados demonstram a hipótese de que realmente houve um distanciamento dessas duas instituições, e o motivo disso ter acontecido pode ser a crescente polarização política apresentada em nossa sociedade, que causa uma divisão de pensamentos dentro da própria instituição Igreja Católica, fazendo com que essa busque a neutralidade diante desses dois lados.

**Palavras chave:** Movimento Social. Igreja Católica. Sacerdotes. Ruptura.

### **1 INTRODUÇÃO**

Com relação a Igreja Católica, podemos abordá-la como um espelho da sociedade, ela mudou sua forma de pensar e agir com o passar dos anos. Essa ideia de modificação surgiu como uma necessidade dos novos tempos, já que a

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História, na Faculdade de Ampère – FAMPER.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de História na Faculdade de Ampère - FAMPER. E-mail: daniel.obranco@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de História na Faculdade de Ampère - FAMPER. E-mail: kamilla\_gaspari@outlook.com

<sup>4</sup> Orientadora Mestre em História e docente do Ensino na Faculdade de Ampère - FAMPER. E-mail: deboracmolin@hotmail.com

mesma sempre esteve em plena ligação com a comunidade, e cada vez mais acabou sendo vinculada a decisões que iam além de suas praxes.

Embora haja o posicionamento da instituição Igreja Católica, existe também o dos indivíduos que fazem parte dela, que estão atuando dentro de sua própria realidade na qual sabem mais precisamente onde estão presentes as dificuldades e injustiças. Com essa abertura propiciada pelos novos tempos a possibilidade de questionar acabou sendo mais estimulada, e o padre como figura central de muitas localidades teve esse papel fundamental, de ser o guia para a insatisfação de sua comunidade e até mesmo ajudar no planejamento de uma estrutura de enfrentamento, mesmo que no decorrer disso essa organização crie a sua própria autonomia.

No que se refere à representação através de uma realidade existente na sociedade, o MST possui importância fundamental e representativa no Brasil além de fazer parte de um movimento social pertinente que foca em problemáticas vinculadas aos trabalhadores do campo e suas respectivas lutas, ou seja, houve uma ação das minorias existentes que se direcionavam aos lugares públicos para reivindicarem por seus respectivos direitos. Este fato de reivindicar algo e se identificar com determinada causa nos leva aos parâmetros dos movimentos sociais, onde os mesmos surgem como resultado de insatisfações coletivas que lutam por determinada causa política ou problemática existente na sociedade.

Dessa forma, a trajetória desses indivíduos teve a participação ativa do aspecto religioso, seja ele na figura do padre ou então do próprio ensinamento sagrado. A busca por um mundo mais ideal, o pensamento questionador sendo adquirido e a possibilidade de estar se organizando, fez com que essa população tenha reconhecido o apoio recebido. Entretanto com o passar do tempo novos pensamentos são adquiridos, conseqüentemente a realidade se transforma onde antigos aliados acabam se afastando, e assim o motivo disso ter acontecido acaba sendo o objeto de estudo desse artigo, voltado a compreender como os sacerdotes atuais entendem o percurso da Igreja Católica com os movimentos sociais, e se houve realmente um afastamento dessas duas organizações.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

A Igreja Católica durante muitos períodos teve uma considerável existência na política brasileira. A sua capacidade de influenciar votos e de criar lideranças políticas comprometidas com seus valores foi fundamental para uma defesa dos mais oprimidos. Percebe-se essa luta em defesa dos necessitados principalmente após o Concílio do Vaticano II<sup>5</sup>, que na sua essência se movia pelo mais pobres, tendo a fé como um viés transformador na vida social.

[...] a Igreja, em muitos países latino-americanos, controla a educação, atua como um forte grupo de pressão, pode mobilizar apoio de um corpo mais ou menos fiel de leigos, e pode, em geral, pressionar consideravelmente o governo. (BRUNEAU, 1974, p.15)

De um modo geral, a Igreja tem seus ideais e caminhos a serem seguidos, e para que esse objetivo possa ser alcançado, ela utiliza-se de uma certa influência que possui. Segundo o autor Thomas Bruneau, existem alguns pontos que podem ser utilizados para que a instituição Igreja exerça essa autoridade, onde destaca-se o princípio da organização, a análise dos grupos que terão uma maior atenção e pôr fim a sua relação com o Estado.

Tendo em mente o florescer do desenvolvimento mundial, a Igreja Católica tem em sua base o princípio da Doutrina Social, com o advento da globalização existe uma intensificação das mudanças sociais e conseqüentemente indo para as injustiças das classes. Segundo o autor Francisco Ivern, agora começa a haver uma mudança e os documentos sociais adotam um tom menos doutrinal e mais pastoral, estão mais preocupados em anunciar do que em condenar, atendem com diligência aos sinais dos tempos e se abrem ao diálogo com as diferentes correntes de pensamento.

[...] Qualquer instituição que deseje conseguir efetivamente os seus objetivos, deve levar em consideração o mundo à sua volta e a mudança de tempos. [...] Se quiser manter a sua influência, a instituição tem que se adaptar às mudanças do meio. (BRUNEAU, 1974, p.18,)

Diante disso essas ações da Igreja Católica Apostólica Romana, por vezes se apresentam envolvidas em decisões além dos seus dogmas e tradições, assim a relação com as demais instituições sempre é algo que deve ser cuidadoso, para que possa haver um convívio harmonioso e dessa maneira a Igreja consiga ter um papel ativo na resolução de conflitos. Ainda ocorre dentro

---

<sup>5</sup> O Concílio do Vaticano II foi uma série de conferências, responsáveis como uma grande mudança no pensamento da Igreja Católica do século XX. As discussões tratavam de temas como os deveres de cada padre, a liberdade religiosa, a relação com os fiéis e mudanças para o futuro.

da mesma uma maior possibilidade da liberdade dos fiéis no terreno da política, sem precisar de uma autorização da Igreja para estar tomando decisões. O próprio concílio do Vaticano II se mostra muito claro diante disso, de reconhecer a autonomia que a sociedade e o mundo moderno necessitam.

Se por autonomia das realidades terrenas se entende que as coisas criadas e as próprias sociedades têm leis e valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia. Para além de ser uma exigência dos homens do nosso tempo, trata-se de algo inteiramente de acordo com a vontade do Criador. (Concílio do Vaticano II, *Gaudium Et Spes*, 36)

Assim essa maior tolerância propiciada pela Igreja Católica, significou para vários cristãos uma maior aproximação com a realidade social e desse modo ocorrendo uma abrangência maior na aceitação e participação para com os movimentos sociais. Essa ligação fica ainda mais clara no *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, onde afirma que a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens.

## 2.1 ANÁLISE SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS

Ao que abrange à análise da bibliografia geral envolvendo as ciências sociais, inclui-se os movimentos sociais como um conjunto de estudos sociopolíticos que possui um ponto comum onde executa a análise contínua com relação à problemática abordada na ação coletiva. Desta forma, os movimentos sociais estão diretamente ligados à inúmeras adversidades sociais existentes que acabam gerando uma disfunção na ordem, e atua de forma investigativa com o intuito de compreender o comportamento dos grupos sociais atuantes na sociedade.

É interessante porque a perspectiva psicossocial não se resumia a uma abordagem de micro relações sociais. O indivíduo era visto dentro de macroestruturas sociais. A grande questão era a sua inadaptação àquelas estruturas, gerando desajustes e conflitos. Os movimentos nasciam neste universo, eram vistos como elementos disruptivos à ordem social vigente. (GOHN, 1997, p. 329)

No decorrer da trajetória dos movimentos sociais, ocorreram, historicamente falando, uma série de alterações em seu conceito. Pode-se afirmar, que nos anos de 50 e partes de 60 os guias de ciências sociais

existentes abordavam os movimentos no contexto de mudanças sociais limitando-os como fontes existentes de conflitos e tensões, promotores de revoluções e revoltas que eram consideravelmente vistas como atípicas em relação ao comportamento coletivo existente. Desta forma, surgiram em diversos espaços movimentos sociais em defesa dos trabalhadores, das classes sociais mais baixas, e movimentos socialistas, que aspiravam uma íntegra revolução e ruptura da ordem social capitalista existente.

O mundo obteve inúmeras mudanças a partir da década de 1960, período no qual as minorias se direcionavam aos lugares públicos para reivindicarem por seus respectivos direitos. A partir deste momento, inúmeros movimentos sociais emanaram pelos países, sempre com o objetivo de manter a organização e conquistar estruturas que incumbir-se a inclusão dos indivíduos injustamente excluídos, cada um tendo sua organização de acordo com as especificidades e ideais.

Portanto, a temática dos movimentos sociais é uma área clássica de estudo da sociologia e da política, tendo lugar de destaque nas ciências sociais. Não se trata apenas de um movimento da produção sociológica, como pensam alguns, confundindo a própria existência concreta do fenômeno e suas manifestações empíricas, seus ciclos de fluxos e refluxos, com a produção acadêmica sobre aqueles ciclos. Não se trata de um tema dos anos 60, 70 ou 80. Sem dúvida, ganharam maior visibilidade a partir destas décadas, mas são muito anteriores a elas, na vida real e na teoria. (GOHN, 1997, p. 329)

Atualmente, ao que se refere a conceituação dos movimentos sociais nos permitimos compreender a formação organizacional por grupos de sujeitos que resguardam e lutam por determinada causa política ou social. Torna-se uma forma de expressão, onde a sociedade se organiza e exterioriza seus anseios exigindo seus direitos, e conseqüentemente cada grupo pertencente aos movimentos possuem suas formas de organizar-se para promover a militância social necessária.

Os movimentos são fluidos, fragmentados, perpassados por outros processos sociais. Como numa teia de aranha eles tecem redes que se quebram facilmente, dada sua fragilidade; como as ondas do mar que vão e voltam eles constroem ciclos na história, ora delineando fenômenos bem configurados, ora saindo do cenário e permanecendo nas sombras e penumbras, como névoa esvoaçante. Mas sempre presentes. (GOHN, 1997, p. 334)

Como já citado anteriormente, os movimentos sociais são ações vivas e pertinentes na sociedade, onde acabam se interligando com seus respectivos sujeitos e Instituições. A Igreja como órgão que manifesta os anseios sociais,

possui papel relevante e representante envolvendo as problemáticas existentes nessa realidade.

## 2.2 A RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Destaca-se que nas últimas décadas uma corrente de pensamento foi responsável pela ligação da igreja com os movimentos sociais, a chamada Teologia da Libertação, essa que tende a fazer a interpretação da realidade dos oprimidos, na sua pobreza e exclusão, e não somente se baseando na interpretação eclesial. Embora esse movimento tenha seu início declarado após o Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, suas bases já haviam se formado a muito tempo, principalmente na América Latina, desde a colonização já haviam evangelizadores que questionavam a presença da igreja e a maneira como eram tratados na sociedade os indivíduos mais vulneráveis e entre eles, os indígenas, negros, mestiços e os pobres do campo.

Com o passar dos anos fica cada vez mais claro a crescente desigualdade no país, segundo o autor Leonardo Boff a pobreza das nações do Terceiro Mundo é o preço a ser pago para que o Primeiro Mundo possa desfrutar da abundância, e desta forma a igreja começa a gerar um questionamento dentro dela, de o que seria necessário para fazer uma libertação da dependência do centro com a periferia, do dominante e do dominado, e sendo assim deu-se início as bases da Teologia da Libertação.

Libertação exprime, em primeiro lugar, as aspirações das classes sociais e dos povos oprimidos, e sublinha o aspecto conflituoso do processo econômico, social e político que os opõe às classes opressoras e aos povos opulentos. (GUTIERREZ, 2000, p. 95)

Essa ação ganha muita força com as organizações populares do país, e no campo da origem a um dos movimentos mais importantes de libertação, o MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. De acordo com o autor Ricardo Callegari, o objetivo da igreja ao ajudar na estruturação desses movimentos não era derrubar a sociedade capitalista, mas sim, reformá-la de forma que se tornasse mais justa, construindo entre os camponeses formas de acessar direitos.

Ainda nesse ponto era necessário que o assistencialismo religioso fosse superado, para assim termos uma sociedade mais justa. Porém isso somente

poderia ser alcançado depois que criassem as condições estruturais e políticas, para assim possibilitar uma sociedade mais digna com todos.

### **2.2.1 AS COMUNIDADES ESCLESIAIS DE BASE- CEBS**

Sabendo da extensão territorial do nosso país, onde nem sempre as paróquias podem se dar ao luxo de serem atendidas por um padre específico, a Igreja Católica procurou estimular a participação de leigos para que estes assumissem os serviços religiosos em sua comunidade. Desta forma acaba se formando as Comunidades Eclesiásticas de Base, onde inspirados pela leitura da Bíblia e da própria Teologia da Libertação seus membros se viram envolvidos com os movimentos sociais, já que por estarem ocupando um cargo de liderança religiosa obtinham certo destaque no poder local.

O que o povo quer, o próprio Deus o quer também, por que o Povo deseja a justiça, a ordem essencial e eterna, a realização na humanidade da sublime palavra de Cristo: “Que eles sejam um, meu Pai, como Vós e Eu somos um.” A causa do Povo é, pois, a causa de Deus. Ela haverá de triunfar. (LAMENNAIS, 1839)

Aliado a essa nova percepção de líder na localidade, ocorre a possibilidade de estudos e debates sobre temas da realidade desses indivíduos, assim cada vez mais utilizando a Bíblia e posteriormente outros autores, e conseqüentemente uma nova visão da realidade acaba sendo adquirida. Nesse sentido, os membros da CEBS começaram a atuar nesses movimentos sendo eles sindicatos, partidos políticos, associação de moradores e entre outros. Utilizando toda essa informação adquirida, para estar lutando por uma valorização maior da democracia e até mesmo de pensamentos socialistas. Isso acaba explicando o motivo de vários de seus membros terem certa afinidade com esses temas, inclusive com o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).

Estes materiais eram debatidos em reuniões das Comunidades Eclesiais de Base e, posteriormente, nos “Sindicatos autênticos”. Havia o incentivo ao debate em grupos, como deixa nítida a segunda orientação do roteiro conheça seus direitos: “Esse livro não foi apenas para ser lido pelo lavrador sozinho em sua casa. Ao contrário, está planejado de modo que facilite a leitura e troca de ideias entre grupos de lavradores”. Esta metodologia incentivava a aproximação, o diálogo entre os camponeses, e, da mesma forma, politizavam espaços como a Igreja. (CALLEGARI, 2020, p.156)

Com o passar do tempo, ocorre dentro da Igreja a ascensão de uma influência mais conservadora, que preferia ver a instituição mais distante dos

movimentos sociais, e voltada apenas para as atividades religiosas e de catequese. Sendo assim, as CEBS acabam perdendo um pouco de sua repercussão na sociedade, mesmo assim estas se mantêm ativas no seu trabalho de base, e tendo em seu legado a formação de vários líderes que continuam atuantes em movimentos sociais, políticos e culturais.

### **2.2.2 A IGREJA CATÓLICA E O MST**

Nos anos 80 o país foi marcado pelo processo de reorganização da sociedade brasileira, assim foi possível o crescimento eleitoral, a proliferação de movimentos sociais, o engajamento da Igreja nas lutas sociais, e o movimento da constituinte sendo marcas desse período. Neste contexto em 1985, surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, no estado do Paraná.

Para entendermos sua ligação com a Igreja, temos que voltar no tempo para o período da ditadura militar, nele sempre foi priorizado a grande propriedade ao invés do pequeno produtor rural, assim essa política favorecia a concentração de terra na mão de poucos e a expulsão dos antigos ocupantes.

Sendo assim, inúmeros conflitos começam a acontecer entre os grandes proprietários que eram amparados pelo governo e os pequenos posseiros visivelmente desamparados, esses eram expulsos de suas terras, forçados a trabalhar em uma quase escravidão ou até mesmo mortos. Essa situação chama a atenção da Igreja, que ao examinar esse problema faz-se a criação da Comissão Pastoral da Terra – CPT, denunciando as violações de direitos humanos no campo e mobilizando as Igrejas cristãs em defesa da população rural.

Assim podemos analisar que a CPT está intimamente ligada a criação do MST anos mais tarde, sendo uma forma de resistência diante das grandes injustiças com essa a população além de organizadora do pensamento de luta.

A CPT foi à aplicação da Teologia da Libertação na prática, o que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico. Os padres, agentes pastorais, religiosos e pastores discutiam com os camponeses a necessidade deles se organizarem. A Igreja parou de fazer um trabalho messiânico e de dizer para o camponês: "Espera que tu terás terra no céu". Pelo contrário, passou a dizer: "Tu precisas te organizar te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na terra". (STÉDILE; MANÇANO, 1996, p. 20).

Para Stédile, três fatores foram fundamentais para a criação do MST, a luta pela terra, as ações da Comissão Pastoral da Terra e o momento político de



redemocratização, pois seguiram os passos dos operários que já estavam se organizando. A primeira reunião desse grupo acontece no Paraná em julho de 1982, com várias organizações, já alguns meses depois em setembro acontece em Goiana a primeira articulação nacional, nessa foi proposto a criação da comissão sem-terra dentro da CPT, que acabou sendo derrotada pela ideia da criação de uma entidade autônoma.

Embora o MST tenha se tornado independente da Igreja Católica na sua criação, essa nunca deixou de lado seus ideais e pensamentos cristãos, muito pelo contrário, sempre buscaram mesclar o pensamento religioso com a ideia de luta, onde usaram autores socialistas na busca de entendimentos da realidade que estavam inseridos. Assim a Teologia da Libertação que trazia isso em sua essência foi uma base teórica para o MST, mantendo essa ligação com o sagrado.

Incorporamos a mística como uma prática social que faz com que as pessoas se sintam bem em participar da luta. O outro aspecto, que é uma contribuição geral, é a aplicação daqueles princípios organizativos. Temos, então, duas novidades que o movimento produziu e que podem ser assimiladas por outros tipos de movimentos sociais: a mística e os princípios organizativos. (STÉDILE; MANÇANO, 1996, p. 131).

Essa ideia de místico presente no MST faz parte da influência religiosa, serve para manter a base de apoiadores e a incentivar em sua luta, principalmente nos períodos de ocupação e de resistência desse movimento. Segundo Stédile em qualquer organização social, não é o discurso que proporciona a união entre as pessoas na base, mas sim a ideologia e os símbolos que vão costurando a identidade.

Diálogo entre Igreja Católica e MST (João Flávio Borba)



Fonte: Revista Senso

Na imagem podemos perceber a ligação do movimento com o viés religioso, essa celebração em favor da vida está na base do dogma cristão. Entretanto essa situação não é algo que causa consenso entre os religiosos, como veremos na pesquisa no decorrer do artigo, a polarização apresentada em nosso país faz com que vários sacerdotes tenham receio sobre vinculação da Igreja Católica com esses movimentos.

### 2.3 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA (MST)

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) tornou-se um dos mais fundamentais movimentos sociais no Brasil, focando em questões que estejam vinculadas aos trabalhadores do campo, levando em consideração suas respectivas lutas, principalmente pela reforma agrária brasileira. No país prevaleceu-se, historicamente falando, por inúmeros anos uma distinção com relação ao acesso às terras onde o fato possui consequências diretamente ligadas a uma organização estrutural social patrimonialista e patriarcalista, o que conseqüentemente acabava predominando o latifúndio como referência de poder. E desta forma, toda essa concentração latifundiária sendo sinônimo de jurisdição não oportunizava possibilidades igualitárias aos menos favorecidos, e conseqüentemente os mesmos encontravam diversas dificuldades para obter-se à posse de terras.

Com o fim da escravidão, a geração do trabalho livre determinava uma outra relação social: a venda da força de trabalho. O escravo não vendia sua força de trabalho, ele era vendido como mercadoria e como produtor da mercadoria. Ele era objeto de comércio do seu proprietário. Com a formação do trabalhador livre, conservou-se a separação entre o trabalhador e os meios de produção. Agora a subordinação acontecia pela venda de sua força de trabalho ao fazendeiro, ao capitalista. (FERNANDES, 2001, p.27)

À medida que se caracterizou como movimento social, iniciou-se sua luta nos anos 80 do século passado, possuindo nos dias atuais mais de 24 estados da federação inclusos em sua luta, questão em que deixa claro a sua representatividade nacional. O Movimento dos Sem Terra no Brasil (MST) se forma a partir de várias ações, como a ocupação de terras, possuindo no seu objetivo e instrumento de luta ser contra a congregação fundiária e o próprio Estado.

No que se refere aos objetivos do MST, além da reforma agrária, buscam transformações sociais pertinentes no Brasil levando em consideração a

inclusão social. Sendo assim, o movimento traz consigo indivíduos que o usufruem como instrumento pra alcançar transformações necessárias, onde possa aguardar a verdadeira conversão de uma realidade história rural no Brasil, ou seja, extinguir a concentração fundiária.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desde sua gênese, tem sido a principal organização no desenvolvimento dessa forma de luta. É impossível compreender a sua formação, sem entender a ocupação da terra. O MST nasceu da ocupação da terra e a reproduz nos processos de especialização e territorialização da luta pela terra. Em cada estado onde iniciou a sua organização, o fato que registrou o seu princípio foi a ocupação. Essa ação e sua reprodução materializam a existência do Movimento, iniciando a construção de sua forma de organização, dimensionando-a. (FERNANDES, 2001, p.19)

A reforma agrária trará consigo, em virtude das transformações e reformas na sociedade brasileira tão almejadas pelos mesmos, a erradicação da miséria e desigualdade, trazendo como principal objetivo a asseguaração dos direitos do trabalhador do campo juntamente com sua dignidade enquanto brasileiro. Por conta de não haver a reforma, que garanta melhores condições de vida e igualdade para os envolvidos, os mesmos intensificam sua luta através de mais ocupações e conseqüentemente impondo ao governo a execução de uma política de assentamentos rurais.

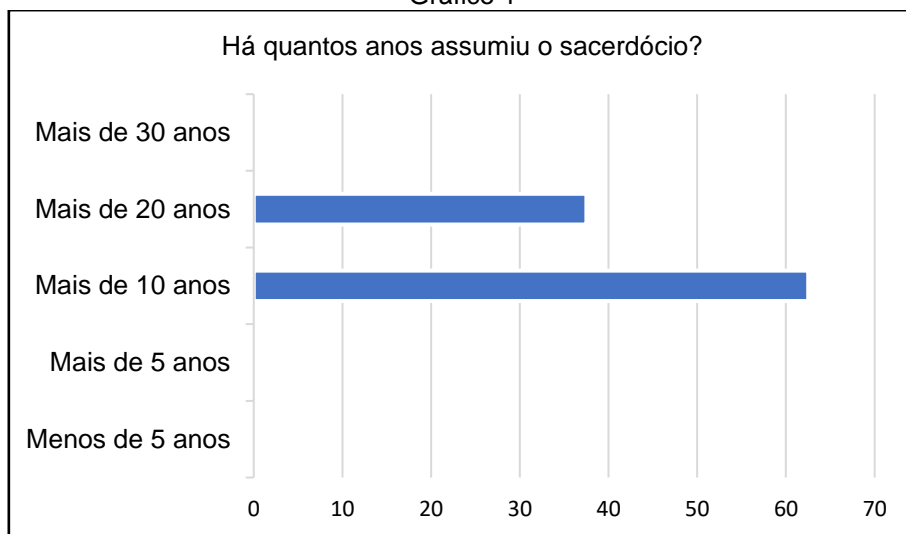
#### 2.4 PESQUISA E ANÁLISE: IGREJA ATUAL NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Com o passar do tempo um movimento mais conservador começa a se impor no mundo, e assim as divisões mais conservadoras da Igreja Católica começam a questionar as ações oriundas da Teologia da Libertação. Essa começa a perder forças no interior da Igreja e também em suas bases, aliado a isso os movimentos sociais começam a ser classificados como ONGs (Organizações Não Governamentais), fazendo com que essa ligação direta com a Igreja Católica comece a se desfazer.

Tendo isso como base a pesquisa a seguir procura entender como os padres de dioceses locais da Igreja Católica se veem como contribuintes ou não, para com os movimentos sociais, mais especificamente o MST, além do possível motivo que levou ao distanciamento dessas duas instituições. Ainda nessa análise de dados vamos buscar entender com qual público estamos lidando, as suas opiniões sobre movimentos sociais, se para estes há alguma ligação com

a Igreja Católica, se concordam com a Teologia da Libertação e por fim quais as ações que atualmente a Igreja Católica faz para a defesa dos mais pobres.

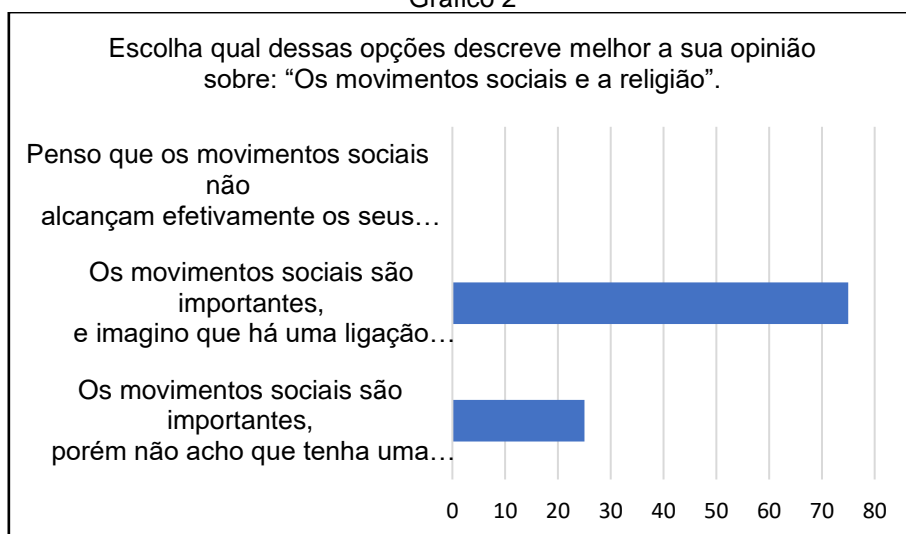
Gráfico 1



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

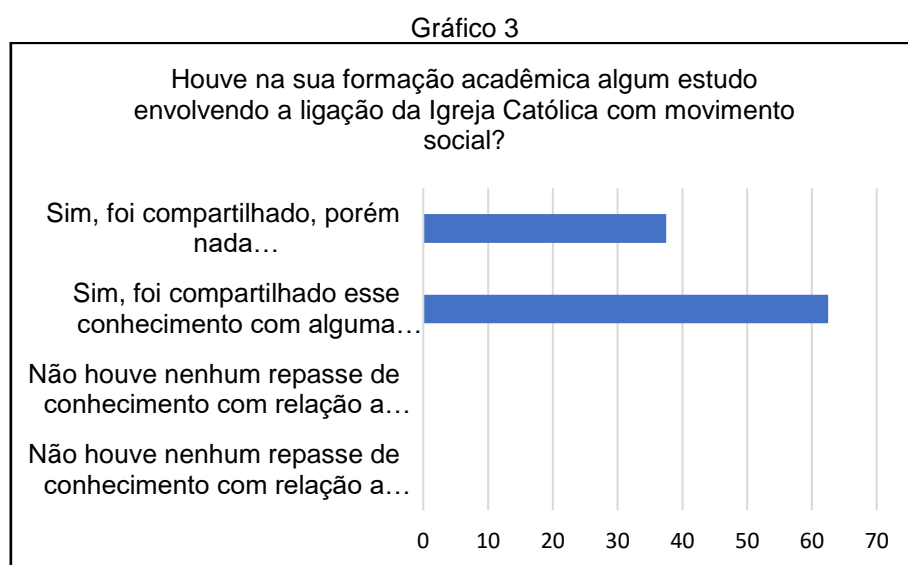
No primeiro gráfico a pergunta tem como objetivo compreender com qual público estamos lidando, se essa base de religiosos já está há vários anos, ou entraram recentemente na Instituição. Podemos usar isso também para entender se estes já estavam presentes em momentos importantes da Igreja Católica. Nos respectivos dados coletados referentes a pesquisa, é apresentado que 62,5% dos entrevistados estão a mais de 10 anos no sacerdócio, e 37,5% a mais de 20 anos. Como isso podemos perceber que essa parcela dos sacerdotes é mais experiente, não havendo ninguém que adentrou a pouco tempo na Instituição.

Gráfico 2



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

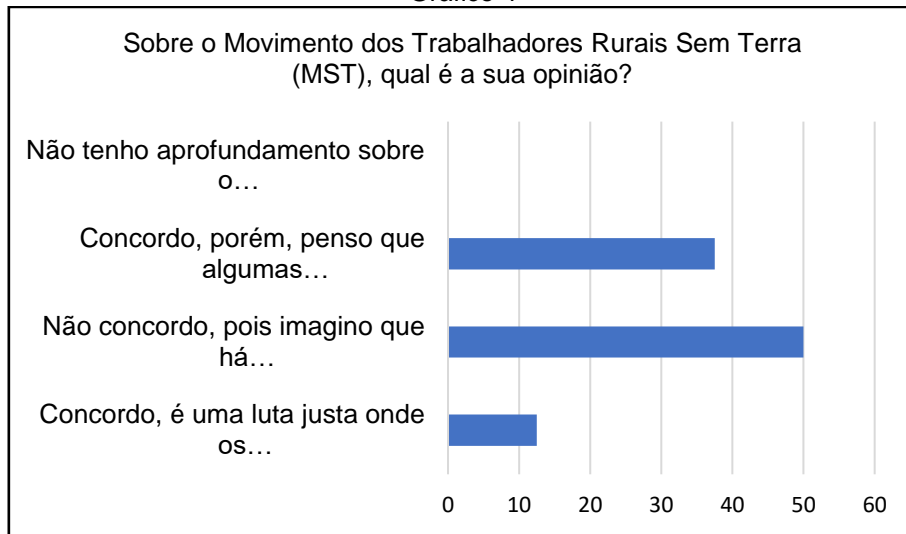
No segundo gráfico a pergunta tem como objetivo entender previamente a linha de pensamento destes religiosos sobre os movimentos sociais e sua possível ligação com o sagrado. Nas respostas fica claro que todos os entrevistados tem a opinião de que os movimentos sociais são importantes, onde divergiu da possível ligação dos movimentos sociais com a religião, na qual a maioria 75% afirmou que existe essa ligação para a busca de um mundo mais igualitário, embora 25% comentaram que para eles não existe uma ligação entre os mesmos. Por fim, chama a atenção de que não houve nenhuma resposta na opção de que a Igreja Católica não permitiria a ligação com os movimentos sociais.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

No terceiro gráfico a pergunta tem como objetivo obter o conhecimento a respeito da formação religiosa desse indivíduo e quanto a Igreja Católica forneceu de informações sobre este assunto. As respostas obtiveram unanimidade que foi compartilhado desse conhecimento na formação dos sacerdotes, porém difere na forma que foi trabalhado, onde para 62,5% existiu ênfase neste conteúdo e para 37,5% não foi muito aprofundado esse repasse de conhecimento. Chama a atenção, ao fazer uma análise com o gráfico anterior, que alguns dos entrevistados acabaram afirmando que para eles não existe uma ligação da Igreja com os movimentos sociais, e na resposta atual os mesmos confirmam que já estudaram sobre este fato.

Gráfico 4



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

No quarto gráfico a pergunta possui um viés crítico, no intuito de compreender se o indivíduo entrevistado tem um pensamento a favor ou contra as ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). As respostas obtidas foram diversificadas, porém os 50% dos entrevistados não concordam com o movimento, usando em sua justificativa a chamada “invasão de propriedade”, onde sabemos que o movimento apenas faz uso dessa forma de ação nas terras que são improdutivas, e para com grandes proprietários, demonstrando assim que ainda existe uma visão equivocada do movimento para com as pessoas, sejam elas quem forem.

Prosseguindo, 37,5% dos entrevistados concordam com o movimento, entretanto, afirmam que algumas atitudes deviriam ser repensadas, e por fim apenas 12,5% afirma que é uma luta justa onde os envolvidos lutam para garantir seus direitos.

#### 2.4.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DESCRITIVAS

Continuando na pesquisa com os sacerdotes da região, as próximas três perguntas se apresentam no formato descritivo, e sendo assim haverá a análise das mesmas. Torna-se importante ressaltar que toda a pesquisa foi realizada no formato anônimo, cogitando que haveria uma melhor adesão destes padres caso não fosse obrigatório a identificação. Desta forma, quando houver citações

diretas das respostas durante a análise a mesma será referenciada como resposta anônima.

De acordo com a primeira pergunta descritiva, temos como objetivo compreender se o religioso já ouviu falar sobre a Teologia da Libertação e se concorda com ela, conseqüentemente podendo ligar uma parte da Igreja Católica com os movimentos sociais. Nas respostas apresentadas foi unânime o conhecimento da Teologia da Libertação com os sacerdotes em questão, porém em relação a opinião sobre a mesma houveram muitas críticas, afirmando que essa se baseia muito na libertação da pobreza material e se esquece do lado transcendente do ser humano neste mundo.

A TL enfatiza demais o social em detrimento do espiritual, e a missão fundamental da igreja é a vida espiritual, primeiro lugar, depois lutar por uma sociedade livre, justa e fraterna. Certas expressões da TL tornaram a igreja uma ONG, fazendo de Cristo apenas um revolucionário político. (Resposta anônima de Sacerdote, 2021)

De modo geral, em todas as repostas houve essa crítica onde ao mesmo tempo algumas destas foi comentado que a interpretação da realidade é fundamental para se fazer teologia, para se fazer política e para se libertar, o que demonstra que parece haver uma divisão nesse meio, ou seja, com alguns sacerdotes sendo um pouco mais tolerantes e outros mais conservadores.

Na próxima pergunta buscamos entender como a Igreja Católica se identifica com um papel atuante dentro de um dos possíveis movimentos sociais. O movimento escolhido para fazer essa relação foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), justamente por sabermos que este já teve uma ligação ativa com a Igreja, e de que ainda hoje leva em seus ideais alguns ensinamentos sagrados.

Nas respostas apresentadas alguns padres afirmaram que não veem uma ligação direta entre o MST e a Igreja. Ainda comentaram que muitos líderes da Igreja pensam em ajudar os indivíduos através da participação nestes movimentos, mas acabam somente sendo instrumentalizados como cabos eleitorais de supostos partidos de esquerda.

Entretanto, houveram também outras opiniões onde sustentaram a ideia de que a Igreja desde o início esteve do lado dos mais pobres, e até mesmo que a causa deste movimento seria justa. Sendo assim, de modo geral, não houve uma unanimidade nas respostas.

Sei que nas décadas de 80 e 90 existia muita ligação, mas com o tempo esse movimento se tornou politiqueiro e é claro que foge da missão da igreja, que não pode assumir partido político. Existe muita divisão entre os padres e bispos justamente porque esse movimento se tornou puramente político, muitas vezes como massa de manobra, cometendo sérias injustiças. A luta por um pedaço de terra é justa, mas não da maneira como é feita. A igreja tem sua opção preferencial pelos pobres, mas não deve apoiar movimentos sociais que se tornaram politiqueiros, infelizmente alguns padres e bispos não enxergam isso. (Resposta anônima de Sacerdote, 2021)

Pode-se notar até o momento a existência de uma divisão dentro da instituição, onde há um apelo muito forte em relação a uma possível politização da Igreja Católica. De acordo com alguns sacerdotes deve ser evitado que esse vínculo aconteça, fazendo até mesmo que a Igreja se afaste dos movimentos sociais. No presente momento essa talvez tenha sido a grande resposta do questionamento deste artigo, de forma que; em um mundo tão polarizado, a Igreja Católica não consegue um consenso dentro dela mesma, e acaba ficando a critério de cada padre a sua própria definição de certo ou errado para com os movimentos sociais existentes.

A respeito da última pergunta, faz-se relação de como a Igreja Católica está nos dias atuais, e se a mesma continua presente na busca por um mundo mais justo, além de quais ações ela desempenhou para tal feito. As respostas em sua grande maioria confirmam que continuam atuantes em suas ações referentes na luta pelos mais necessitados, enaltecendo de que são a instituição que mais faz caridade no mundo. Porém, sempre frisando que não compactuam que haja na estrutura da instituição ideologias ou partidos políticos.

A Igreja como instituição tem sua luta pelos pobres, mas quanto a participação em certos movimentos sociais existe muita divisão na hierarquia da igreja, e até mesmo entre o povo católico. Temos as pastorais sociais, como da criança, da pessoa idosa, dos doentes, vicentinos, que bem direcionadas fazem um ótimo trabalho. (Resposta anônima de Sacerdote, 2021)

Continuando nesta questão, houve uma minoria que discordou, afirmando que a Igreja diminuiu a sua presença social por uma série de motivos, e até defendendo que seria necessária uma nova evangelização. Desta forma, novamente nota-se uma aparente divisão na concepção dos sacerdotes, levando a entender que atualmente temos uma Igreja não tão atuante como no passado.

De acordo com as respostas apresentadas podemos identificar a hipótese de que houve sim um afastamento da Igreja Católica para com os movimentos sociais, e isso foi ocorrido pela própria situação política e social em que estamos

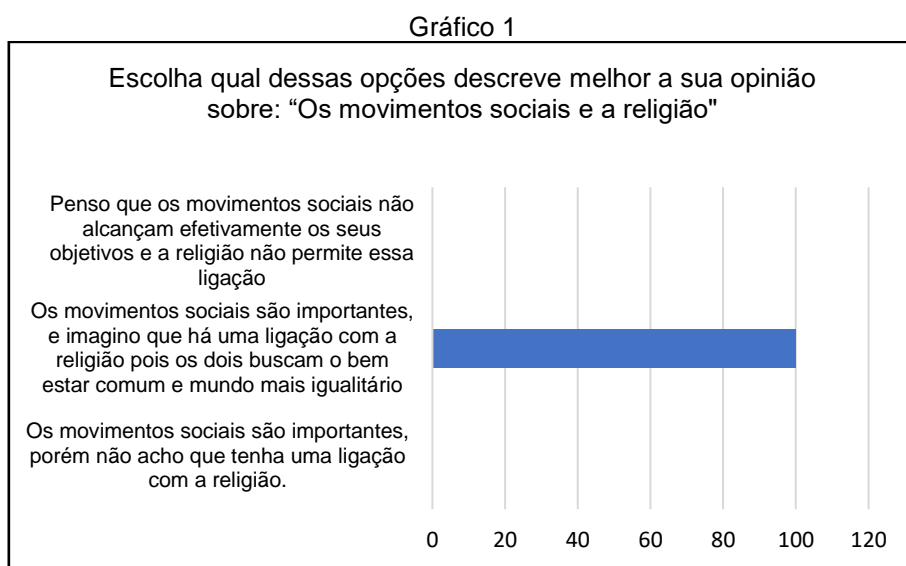


vivendo atualmente. Essa polarização ocorrida dentro da própria Igreja e também do nosso país, causa a impossibilidade de muitas vezes a Instituição tomar uma atitude mais ativa sem cruzar o pensamento individual de uma parcela dos seus fiéis e sacerdotes, assim a mesma acaba por ficar impossibilitada de ir além do seu já apresentado referencial sagrado, optando por se manter em muitos assuntos a mais neutra possível.

#### 2.4.2 O PAPEL DOS LEIGOS – OS MINISTROS AUXILIARES DA EUCARISTIA

Seguindo na pesquisa sobre a influência da Igreja Católica, optou-se após indicação na apresentação do projeto de Pesquisa durante a Pré-banca, fazer as perguntas também para os leigos que estão diretamente ligados com a instituição, no caso os chamados Ministros da Eucarística. Sendo importante essa análise, já que os mesmos se tornam um ponto de referência, pois na falta do padre, os ministros que surgem como a figura do conselheiro que a comunidade busca para mediar algum conflito ou problema.

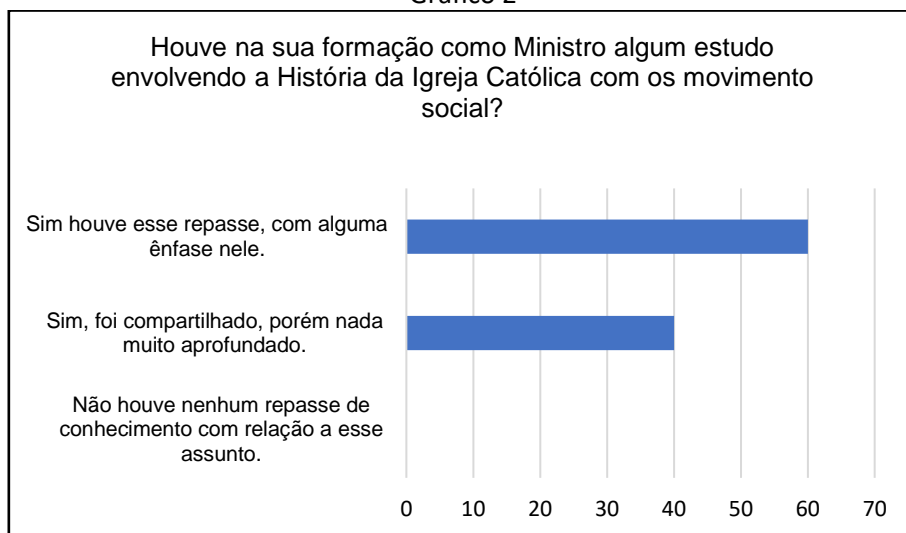
As questões utilizadas para essa análise são as mesmas feitas com os sacerdotes, com as mudanças necessárias para estar se adequando a esse grupo em questão, onde também foi optado por serem apenas de assinalar, tendo assim a porcentagem exata para estar analisando. Acaba sendo importante registrar também que houve pouca adesão nas respostas, onde foi compartilhado em um grupo de 60 pessoas e cerca de apenas 10% destas responderam à pesquisa:



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

Nas respostas do gráfico 1, foi unânime de que os movimentos sociais são importantes e de que existe uma ligação com a religião. Isso demonstra que esses auxiliares da eucaristia tem um conhecimento histórico, sobre como a Igreja luta em conjunto na busca por um mundo mais igualitário. Chama a atenção de que nenhum entrevistado colocou que a Igreja não permitiria uma ligação direta com os movimentos sociais.

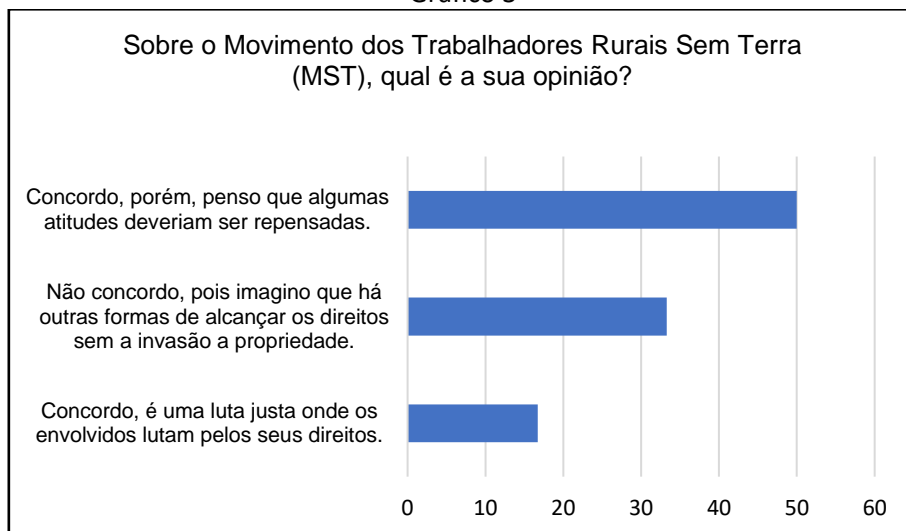
Grafico 2



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

No segundo gráfico, as respostas foram unânimes no quesito de terem o estudo sobre o envolvimento da Igreja com movimentos sociais, apenas divergindo na questão do mais ou menos aprofundado. Dessa forma relacionando com os padres, o conhecimento chega a esses indivíduos onde apenas difere da forma como cada um deles irá absorver essas informações.

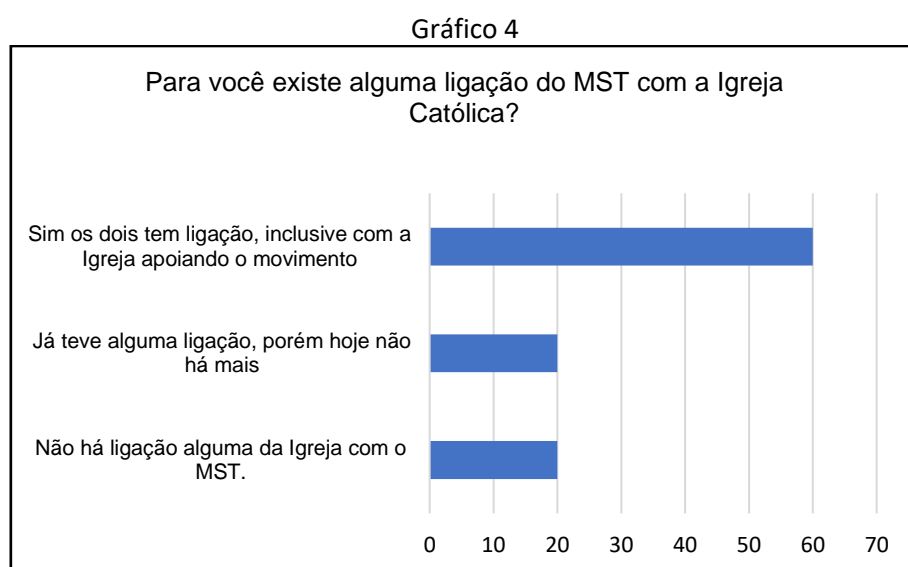
Grafico 3



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

No terceiro gráfico, a pergunta possui um viés crítico, no intuito de compreender o pensamento do entrevistado com relação ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Aqui as respostas foram diferentes das dos sacerdotes feitas anteriormente, com os ministros auxiliares a metade dos entrevistados afirma que concorda com o movimento, embora tenha algumas atitudes a serem repensadas.

Encontra-se similar em ambas as pesquisas, que apenas a minoria concorda plenamente com o movimento, em todas as suas especificidades. Demonstrando assim, que ainda há muitas desinformações de como age este movimento, e como fazem as suas organizações.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

No quarto gráfico, demonstra que a maioria dos entrevistados assegura que vêm uma ligação do MST com a Igreja Católica, inclusive com 60% afirmando que a Igreja apoiou esse movimento, o que demonstrou que de fato entendem a ligação entre esses dois antigos aliados.

Fazendo uma comparação com as respostas dos sacerdotes, a sua maioria não via uma ligação, então podemos sustentar a hipótese de que os religiosos quiseram realmente fazer essa ruptura com o movimento, entretanto parte dos fiéis em sua base ainda sabem ou lembram que essas duas instituições já estiveram atreladas uma à outra, sendo importante assim relembrar e não se deixar apagar a história de um passado recente.

### 3 CONCLUSÃO

No presente trabalho de pesquisa havia uma dúvida em relação a forma como a Igreja Católica se via como atuante e influente na formação de alguns dos movimentos sociais, e ao mesmo tempo era notável que a mesma havia se afastado destes. Usamos o próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, o MST, como exemplo para demonstrar que embora este tenha a sua base criada na Igreja, posteriormente os mesmos não teriam mais ligações.

Ao iniciar-se o estudo, tivemos por objetivo entender como o próprio sujeito padre se via diante da situação, e conseqüentemente por qual motivo ocorreu o distanciamento destes dois antigos aliados, sendo que até nos dias atuais essas duas instituições possuem em suas bases fundamentos análogos, como a luta pelos mais pobres e a terra como um direito para todos.

Algumas possibilidades acabam ganhando mais força diante da pesquisa realizada com os padres da região, onde a mesma foi organizada de modo a entender a visão desses indivíduos como parte atuante da Igreja Católica. Acabou sendo optado por manter as respostas anônimas com o objetivo de haver uma maior participação, entretanto de um modo geral ocorreu uma certa resistência ao abordar sobre o assunto, obtendo algumas respostas vagarosas e sem uma grande participação do público determinado.

Tendo isto em mente, determinamos a hipótese de que realmente houve um afastamento da Igreja Católica com relação aos movimentos sociais, isso ocorre justamente por não haver um consenso dentre os componentes da Instituição, ou seja, se esta deve seguir de forma mais atuante nesse meio ou não. Em uma sociedade tão polarizada como estamos vivendo no século XXI, acaba sendo extremamente difícil ter uma união total de pensamentos, desta forma a Igreja acaba por optar que seus integrantes tenham a liberdade de organizar as suas próprias ações, procurando manter-se assim na neutralidade.

Assim sendo, ao chegar à conclusão desse trabalho algumas questões puderam ser mais aprofundadas, entre elas podemos citar o afastamento da Igreja com relação os movimentos sociais possivelmente motivado pela polarização política vivenciada no nosso país. Houve ainda a percepção de que há uma divisão na instituição, com pensamentos divergentes de seus membros, o que acaba conseqüentemente servindo de espelho para com os fiéis da religião

católica. Sendo assim, essa situação pode convir com o início de uma nova pesquisa, onde se houvesse a possibilidade de uma unanimidade na Igreja, como a mesma poderia influenciar no pensamento de uma nova geração de católicos sobre a atuação dos movimentos sociais.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

BORBA, João Flávio. **Diálogo entre Igreja Católica e MST**. Disponível em: [https://revistasenso.com.br/wp-content/uploads/2019/11/dialogo-entre-igreja-catolica-e-MST\\_Joao-Flavio-Borba-MST.jpg](https://revistasenso.com.br/wp-content/uploads/2019/11/dialogo-entre-igreja-catolica-e-MST_Joao-Flavio-Borba-MST.jpg). Acesso em: 11/12/2021

BRUNEAU, Thomas. **Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

CALLEGARI, RICARDO. **Gente não é boi de carro, pro carro de boi puxar**. Camponeses e a organização política no Sudoeste do Paraná (1964/1985). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2020.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da libertação - Perspectivas**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

IVERN, Francisco. Org. BINGEMER, Maria Clara. **Doutrina Social da Igreja e Teologia da Libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

LAMENNAIS, Félicité Robert. **As formas modernas de escravidão (1839)**. Rio de Janeiro e São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

STEDILE, João Pedro; MANÇANO, Bernardo. **Brava gente**. São Paulo: Perseu Abramo, 1996.